

OS VOLUNTÁRIOS DA PÁTRIA E A IGREJA DE MATOSINHOS

José Antônio de Ávila Sacramento

A primitiva igreja de Matosinhos (de S. João del-Rei/MG) foi construída a partir dos idos de 1770. Sabemos que nessa data foram notificados os posseiros das terras localizadas na então Várzea do Porto Real da Passagem, fazendo-os saber que naquele sítio pretendiam construir uma igreja. Em 19 de maio de 1774 já se achava erguido o templo em honra ao Senhor Bom Jesus de Matosinhos, devoção originária da terra portuguesa e trazida pelos colonizadores. Durante aproximadamente 200 anos *“campeou, qual linda garça, entre a verdura, a risonha capela do Senhor Bom Jesus de Matosinhos, para onde afluíam romeiros e grande multidão de povo, por ocasião das Festas do Espírito Santo que se celebravam com toda magnificência, renovando-se algumas vezes, os costumes antigos de cavalhada, bailados e corridas de touros.”*

Além de ser magnífico exemplo de arquitetura religiosa e uma referência para os habitantes do bairro e da cidade, aquela igreja foi *testemunha* de um fato marcante na história do Brasil: por ela passaram os Voluntários da Pátria, quando estavam a caminho da Guerra do Paraguai (1864/1870). São João del-Rei foi um dos municípios que mais concorreram com o envio daqueles Voluntários. A cidade, porém, não se limitava a mandar seus filhos para a Campanha da Tríplice Aliança, pois recebia festivamente as Companhias de Voluntários que por aqui passavam, como se deu, por exemplo, com aquelas que vinham das cidades do Sul de Minas. Grupos de Voluntários da cidade de Passos e de outros locais pernoitavam na Igreja e no dia seguinte assistiam a missa; depois se alimentavam e continuavam a marcha. Assim fica provado que aquela Igreja, além de ser patrimônio religioso, arquitetônico, cultural e militar, era também um patrimônio imaterial (termo que encontra justificativa nos fatos históricos que lá ocorreram).

No final da década de 1960 já articulavam a demolição daquela histórica igreja. De acordo com notícias amplamente veiculadas em jornais do Rio de Janeiro, a Comissão Promotora das Comemorações do centenário da Guerra da Tríplice Aliança, através do general Dióscoro Gonçalves do Vale (chefe da ID-4/BH), dirigiu-se ao então bispo diocesano D. Delfim Ribeiro Guedes, formulando veemente apelo no sentido de ser impedida a demolição do templo. Em resposta, o bispo respondeu ao general dizendo que *“recebeu com o maior apreço o veemente apelo e que o assunto estava sendo estudado”* e ainda que *“esperava em Deus que tudo fosse resolvido satisfatoriamente”*.

O jornal Estado de Minas, na sua edição de 28 de fevereiro de 1970, noticiava que *“o telhado da sacristia da Igreja do Sr. Bom Jesus de Matosinhos acabava de desabar e até agora não foram tomadas providências para restauração da parte danificada. Consta que sempre houve a intenção do vigário e do bispo diocesano de demolir a Igreja, mas por causa da reação do povo e do general Dióscoro do Vale, comandante da ID-4, não foi levada a efeito a demolição.”* Mas tudo foi em vão: a Igreja foi mesmo ao chão, criminosamente demolida no início da década de 1970, tendo à frente da diocese o bispo Delfim Ribeiro Guedes e como responsável pela paróquia o padre Jacinto Lovato.

Altivo de Lemos Sette Câmara, eminente historiador, deixou escrito o seu testemunho de que em 1970 a igreja era sólida mas que, mesmo assim *“a demolição entrou em ritmo diabólico de ‘time is money’. O frontão veio abaixo, amarrado por*

dois cabos de aço e puxado por dois tratores. A cruz de ferro, que permanecera inclinada muitos dias, cai não cai, veio abaixo com o frontão. Uma perfeita lição de barbárie, dada 'de graça' a uma população de 15.000 almas (ou corpos?)". Altivo Sette revela ainda, dentre outros detalhes, que a portada foi vendida para um granfino de São Paulo depois de o bispo não honrar a promessa de que ela ficaria na cidade: "Chegou de São Paulo um caminhão e lá se foi a portada. E também um ornato de pedra sabão, que figurava um relógio e outras peças de pedra sabão que vi serem postas com um guindaste, no caminhão..."

Atualmente, no local onde ficava o templo antigo, existe uma esquisita construção à guisa de igreja, de gosto arquitetônico bastante duvidoso. É importante ressaltar que para construir esta nova igreja não haveria necessidade de se demolir a primitiva; existem fotos que nos mostram a estrutura nova surgindo por detrás da antiga, sem problemas de espaço... Demoliram-na, ao que me parece, apenas pelo simples gosto de vê-la demolida. É importante lembrar que na década de 1970 o Bairro de Matosinhos possuía amplos espaços vazios, o que nos leva a crer que não faltavam locais adequados para se construir uma nova e ampla igreja.

Aquela Igreja era um bem tombado (processo nº 68-38/SPHAN, com inscrição no Livro do Tombo das Belas Artes, Vol. 1, fls.2, data de 04 de março de 1938). Naquela época os valorosos integrantes do Instituto Histórico e Geográfico de São João del-Rei formularam veementes protestos contra a demolição do templo, mas não foram ouvidos e a Igreja foi mesmo para o chão. Infelizmente, como nos diria o poeta Carlos Drummond de Andrade, a antiga igreja do Bom Jesus de Matosinhos "é apenas uma fotografia na parede. Mas como dói..."



Aspecto da demolição da primitiva Igreja do Sr. Bom Jesus de Matosinhos, em 1970
(Foto de Afonso Nogueira - Arquivo de J. A. Ávila)